

A Medicina Popular: Mitos e Tabus ‡

Iaperi Sôares de Araújo ¶

A Medicina Popular é uma ciência informal. Constituída pelos elementos mais importantes da formação do homem brasileiro com a coetaneidade das tradições gregas e latinas que sobrevivem em todas as suas formas como atestado da identidade das nossas bases culturais.

A primeira doença do homem, foi provavelmente uma dor. Sentimento estranho e desconhecido que o aniquilava fazendo cair sua fortaleza, igualando-o aos desprotegidos. Guarda aberta para quem somente sabia se comunicar pela força e pela imposição da brutalidade. Castigo dos deuses contra um ato que os desagradou. Totemização da ideologia do homem primitivo. Constituição das formas de tabu e dos gestos de defesa.

Da mesma forma, o primeiro medicamento deve ter sido um analgésico. Planta medicinal colhida ao acaso e mascada despreziosamente na imitação do gesto animal. A surpresa da cura fez voltar a idéia de que os deuses reconsideravam o castigo. A deificação da planta no gesto de animação, de alma, a alma. Daí o prestígio dos curadores. A dor aniquilava o homem, enfraquecendo-o, mas a cura devolvia suas forças, reconstituía seu raciocínio, desafiava o poder e castigo dos deuses. Saber e conhecer a magia da flora medicinal seria um ritual de iniciação teológico, uma tentativa de igualar-se aos poderes divinos.

Depois, os conhecimentos da flora medicinal foram se ampliando. Vieram as plantas alucinogênicas e entorpecentes. Da mesma forma como Lúcifer, anjo dos céus desejou igualar-se a Deus, o homem primitivo procurou a deificação. Os deuses eram ambíguos. Bem e mal encarnavam uma só divindade que utilizava os poderes da duvidade quando agradecido ou desejava o castigo. A alucinação e o entorpecimento tiravam o sentimento mais brutal do homem, a dor e fazia com que na euforia, houvesse um contato direto com os deuses. Ações e sentimentos ainda presentes na ideologia da Medicina Popular.

Seria a aura mística que cerca a curandeira e rezadeira, mulher de bom proceder, menopausada, que usa do poder de curar como desígnio divino. Somente elas podem tocar o aparato dos altares e as vestimentas sacerdotais para limpeza e engomado. O contato com os deuses continua nos candomblés e na umbanda. A cura pelo entorpecimento sobreviveu na utilização do paricá, da maconha e das drogas alucinógenas nos rituais sebastianistas do século passado e dos catimbós nordestinos.

Os indígenas da Terra da Santa Cruz já praticavam uma medicina mística quando aqui chegaram os portugueses em 1500. Tupã presidia o culto das coisas divinas, mas a demoniologia já diferenciava-se por divindades que protegiam coisas da vida e da floresta.

A curupira, o m'boitatá, o urutau. Ninfas e sátiros da tradição grecoromana, seres da floresta que somente aos iniciados desvendavam o segredo das plantas medicinais. Os agentes da Medicina indígena eram os pagés que presidiam a propedeutica, examinando com cuidado o doente e consultando o oráculo de Tupã para promover a terapêutica. Tão acurados eram os cuidados para com o doente, que o bispo do Pará D. Caetano Brandão, em uma carta a Lisboa, comparando a medicina indígena com a dos médicos da corte, geralmente judeus batizados à força pelo medo da fogueira da Santa Inquisição, dizia ser "melhor tratar-se a gente com um tapuia que observa com mais desembaraçado instinto do que com médico de Lisboa".

A utilização de plantas estupefacientes também fazia parte do acervo mágico que os pagés utilizavam para a cura. Consultavam o oráculo dos deuses inebriados pelo fumo da entrecasca de tauari ou a aspiração do pó de paricá. Também utilizavam um licor de jurema, que é citado por José de Alencar no seu romance *Iracema*, para as orgias ritualísticas. Assim, Martin Soares Moreno, inebriado, reviu seus amigos da taba de Poti, deitado no colo da virgem cearense. Assim, eram realizadas as sessões dos fanáticos de Pedra Bonita em 1835, no interior de Pernambuco.

Esses rituais de consulta ao oráculo dos deuses pela aspiração de fumo ou pó, esteve presente na Grécia antiga, em Epidauró, nos templos de Asclépios, quando os sacerdotes davam aos consulentes uma bebida entorpecente para que o próprio deus da Medicina, em sonhos, pudesse consultar e realizar as manobras do exame físico. Inexplicavelmente, séculos depois, os indígenas da Pindorama realizavam os mesmos preceitos e repetiam os mesmos gestos.

Assim Kerepiina, a mãe dos sonhos, favorecia os índios do rio Uaupés, ensinando até a prática das relações

‡ Conferência inaugural proferida na V Jornada Norte-Nordeste de Anestesiologia.

¶ Presidente da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Estado do Rio Grande do Norte e Professor Assistente do Depto de Toco-Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Correspondência para Iaperi Sôares de Araújo
Av Nilo Peçanha, 259 - Petrópolis - 59000 - Natal - RN

Recebido em 7 de abril de 1981

Aceito para publicação em 8 de abril de 1981

© 1981, Sociedade Brasileira de Anestesiologia

sexuais, segundo suas tradições. Dos índios veio o conhecimento do valor medicinal do quinino, da ipeca e do curare. Observação dos jesuítas nas missões de catequese em nome de Cristo, registradas em cartas e em diários. Este acervo seguiu à Europa, sendo responsável pela divulgação dos valores terapêuticos de muitas substâncias. Nas "Purchas" de Frei Manuel Tristão de 1625, o primeiro registro da ipecacuanha, planta medicinal da família das rubiáceas e que em tupi, ipi-caá-quê, é a planta que vomita. Outro conjunto importante de receitas, oriundo do Colégio de Jesuítas da Bahia foi a chamada Traga Basílica com formulações de garrafadas e infusões ainda hoje persistentes na tradição popular.

Além da defumação, os índios utilizavam a medicina da flora, como chás, infusões, decoctos, emplastos, banhos e xaropes adocicados com o mel de abelhas. Presidindo tudo, a fantasia do mágico e sobrenatural. A monótona cantilena dos sacerdotes, a dança ritual, as máscaras e gestos, para espantar os maus espíritos que causavam as doenças. Os pequenos demônios desorganizavam o corpo, por ação direta ou por castigo pela quebra de um tabu que totemizavam para todos os componentes da tribo e que devia ser preservado e idolatrado.

A Medicina trazida pelos negros também se apoiava na teurgia. As divindades negras tinham sob sua responsabilidade os fenômenos da natureza, as ações e partes do corpo e a proteção das doenças. O não cumprimento das obrigações rituais teria como repercussão a falta de proteção e conseqüentemente a doença. Assim cada divindade representava uma defesa. Como Abaluaiê protegia a varíola e doenças da pele, Oxum consolava os males do amor e da paixão, ela mesma traída pelo espôso Xangô, enfeitado dos carinhos e da violência sexual de Yansã.

A Medicina dos negros era menos individualista. Não era de exclusividade dos pajés, como na medicina indígena, mas todos os iniciados, incorporando uma divindade, podiam prescrever e realizar "passes", os gestos mágicos de expulsão das doenças e dos demônios. Eram mais utilizados nos males do espírito. Amores não correspondidos, desventuras da sorte, azares e desilusões. Mesmo assim, com o tempo, a flora medicinal brasileira passou a fazer parte das prescrições, principalmente chás e banhos como proteção e defesa corporal. Incluiu-se o sentido da limpeza por ervas como limpeza da alma, o banho purificador, imitação do gesto de São João Batista nas margens do rio Jordão. O Conceito da água como depuradora, fonte e vida, preservação da integridade do físico e do mental.

Os negros que vieram para o Brasil na corrente escravagista, pertenciam em grande parte a tribos malés que ocupavam as margens do rio Niger. Professavam o islamismo e introduziram no Brasil o Alcorão. Sabiam artes da magia, utilizavam filtros mágicos de infusão de ervas e conheciam segredos de porções para fortalecer os impotentes, deixando-os mais aptos às práticas do amor. Daí o prestígio que desfrutavam junto aos velhos senhores de engenho e as altas cotações que alcançavam nos mercados de escravos. Na sua linguagem eram chamados **mandingues** e por isso, persistiu o termo mandingueiro como a pessoa que conhece segredos da magia ou que vive de expedientes e trambiques, segundo Roger Bastide. Do Alcorão, persiste ainda uma prática anotada nos sertões

nordestinos. A cura de uma moléstia venérea seria conseguida através do coito com jumentas. Paul de Regle, comentando o "EL Ktab" informa sobre a prática permitida por Maomé.

Da mesma forma que a Medicina praticada pelos indígenas, e durante muito tempo, a contribuição negra ficou restrita ao sombrio ambiente das senzalas ou as furtivas solenidades do meio do mato, em torno da fogueira, nas celebrações rituais. As necessidades das divindades da terra, eram muito humanas. Alimentos e bebidas, sacrifício de animais para acalmar os desejos. Da mesma forma que do seio de Yemanjá, pejado de leite, surgiram as estrelas, numa concepção bem universal, ela poderia atrair um ogã e deixa-lo louco pelo simples desejo sexual de posse. Misturou-se Yemanjá com Iara, a mãe da-água dos indígenas, misturaram-se os preceitos de uma forma global, para constituir o homem brasileiro.

A Medicina branca veio pelas caravelas portuguesas. De início, era uma medicina bem rústica, praticada por judeus, cristãos-novos batizados à força pelo medo da fogueira da Santa Inquisição. Também vieram os boticários, manipulando substâncias que ainda residiam na velha alquimia. Os barbeiros, indispensáveis eram também cirurgiões. Cauterizavam ferimentos à fogo, estriavam flechas das guerras com os índios, raspavam barbas e bigodes e fechavam ferimentos maiores. Os físicos aplicavam clísteres e sanguessugas. Faziam sangrias para cura das apoplexias muito comuns, e quase sempre apressavam a morte dos doentes.

A Medicina tradicional, no Brasil, veio melhorar somente com a chegada dos primeiros Governadores-Gerais. Com eles, vieram os médicos mais destacados das côrtes de Lisboa. Em Portugal, nos primórdios do século XVI a Medicina ainda tinha muito de empirismo. Tanto, que Manuel da Sylva Leitão em Arte com vida ou vida com arte de 1738, afirmava para seus leitores: "Deos te guarde de Médicos, como pode; e a mim de inimigos, como desejo". Em 1750, ainda em Lisboa, Chaves comentava o estado da obstetrícia nas cortes: "A arte de parir está tão falta de conhecimentos neste reino que por ser praticada por mulheres e barbeiros, ou meio cirurgiões enxertados em barbeiros, me tem feito ver as horríveis calamidades das paisanas entregues à ignorância atrevida".

João Menelau foi o primeiro médico a pisar nas novas terras, vindo com as caravelas de Cabral, seguindo em direção às Índias. Com os primeiros Governadores-Gerais, vieram os primeiros médicos, boticários e barbeiros, cristãos-novos como os licenciados João Fernandes e mestre Valadares que clinicaram durante o período de D. Duarte da Costa, entre 1553 e 1557.

Até finais do século XVIII ainda rareiam médicos no Brasil. O Vice-Rei, conde de Rezende queixava-se da falta deles e pedia ao Senado da Câmara que financiasse a ida de um cirurgião e de um físico para irem estudar em Coimbra ou Lisboa.

Com a chegada de D. João VI em 1808, e sob a inspiração de Correia Picanço, foi inaugurado o ensino da Medicina no Brasil, sendo Joaquim da Rocha Mazarém nomeado primeiro lente de Anatomia com obrigação de ensinar também a obstetrícia o que fez até 1813.

A Medicina dos brancos, por conseguinte, trouxe todo um acervo das tradições latinas com influências marcantes das culturas grega e muçulmana. Somente depois

é que se aproximou das outras vertentes da cultura brasileira. A Medicina teurgica dos índios, a medicina mágica dos negros africanos. Afluentes que confluíram para um mesmo caudal de culturas, tradições que o homem fez persistir como coetaneidade das coisas.

A Medicina popular, hoje, é praticada por agentes da comunidade que fazem sobreviver as práticas de sua tradição, na repetição dos gestos milenares de cura. As raizeiras, conservam o segredo do valor medicinal de nossa flora. Sabem a indicação da planta em sua variedade, a folha, a casca, a resina, o caule, as raízes, o fruto e a semente além das fórmulas de uso. Chás quando cozidos em água. Lambedouros quando xaropados com mel de abelhas, de açúcar ou rapadura. Infusões, quando utilizadas num veículo alcoólico, emplastos, quando pela maceração natural; decoctos pela maceração pelo fogo; banhos, quando a via de aplicação dos chás ou infusões é a via externa, pelo contato da epiderme e fumegações quando defumação pela fumaça saída do cozimento ou da queima da planta.

As raizeiras conhecem a botica sertaneja. Têm bancas feiras populares e ensinam o valor e a fórmula de uso das plantas medicinais. Geralmente herdaram dos pais a tradição do conhecimento e da comercialização das plantas que elas mesmo colhem nos campos e caatingas dos sertões. Da mesma forma, conhecem e ensinam simpatias que são gestos ou coisas que favorecem a cura de alguma doença. Antigos elementos da medicina rústica brasileira.

É a orientação para o uso de pele de raposa sob o quadril da mulher que vai parir a fim de que seja facilitado o parto ou o caldo de galinha arrepiada para abrir as carnes e promover uma rápida expulsão fetal. Simpatias também são as fitas de Senhor do Bonfim, as mais conhecidas, que muito em moda, são amarradas nos pulsos. São medidas dos santos. Uma pequena fita com a dimensão da imagem depositada num oratório. As do Senhor do Bonfim previnem a infelicidade, as de Santo Amaro, as desgraças. A de São Jerônimo, a peste, as medidas de Santo Onofre protegem contra a fome. Gestos registrados ainda no século XIX pelos visitantes estrangeiros. Henry Koster e Tollenau anotam a venda dessas fitas como simpatias. Gestos de proteção contra as doenças e desventuras da sorte. A casca do ovo colocada sobre a ponta das varas das cercas das casas do sertão, demonstrando a preocupação de fecundidade. O risco das fachadas das casas, luas em crescente, estrelas de Davi. Como o olho de Horus, no Egito Antigo, que protegia os papiros das fórmulas médicas que se transformou no R com a perna cortada por um traço no "reccipit" do receituário. Persistência natural, denotando a repetição do mesmo gesto ancestral.

Fórmulas mágicas de apelação também são consideradas simpatias. O Chamamento de São Bento para proteger o caminhante da mordedura de cobras quando enfrentam as veredas do sertão: "São Bento, Água benta, Jesus Cristo no altar, abri esses caminhos que neles quero passar". Ou a apelação a Santa Margarida para a dequitação após a expulsão do feto: "Minha Santa Margarida, nem tou prenhe nem parida mas de vós favorecida". Algumas outras fórmulas de psalmodiação, simples gestos de simpatia continuam permanentes na tradição popular. A utilização de pequenos objetos, totemizados,

como elementos de proteção e cura. A castanha de cajú, no bolso das calças, para hemorróidas. Uma meia usada envolvida no pescoço para a caxumba. A roupa do marido, às avessas, para ser feliz no parto ou a guarda de tesouras abertas para evitar enfeitiçamento.

As rezadeiras são continuadoras das tradições bacantes. Vestais e sacerdotisas, guardiães dos segredos das fórmulas mágicas de apelação. As rezas podem invocar um santo ou simplesmente promover um exorcismo, quando ordenam o afastamento do mal. Assim ocorre na erisipela, quando falam: "sipra, sipela, sipelão. Do tutano vai pro osso, do osso vai prá carne, da carne vai pro couro e do couro pras bandas do mal sagrado, em nome do pai do filho e do espírito santo".

As rezas, buscam apelar aos santos mais populares, a proteção e a cura de uma doença. Daí o prestígio que desfrutam santos como Padre Cícero Romão e São Severino dos Ramos, canonizados pelo povo e que sendo elementos da própria comunidade, conhecedores dos sofrimentos do povo, com mais razão e lógica teriam condições para levar a Deus os apelos de salvação.

Na ideologia popular, a Corte celestial funciona como uma espécie de reino onde múltiplos reis exercem seus poderes. Cada santo tem sua pequena corte e dependendo do prestígio que desfrutam junto ao Deus Pai Todo Poderoso, mais rapidamente atendem aos pedidos. Essa ideologia foi firmada nos conceitos do Evangelho Apocalíptico pregado pelo jesuítas nas missões e desobrigas no sertão, valorizando muito mais as forças do mal que tinham todo o poder para livremente atentar os crentes, que as forças do bem, vivendo muito acomodadas, somente atendendo aos desvalidos, quando especialmente invocadas. Também a literatura popular influenciou na formação desses conceitos. O Lunário Perpétuo, As Missões Abreviadas, a Vida de Cristo e a História de Carlos Magno e os Doze Pares de França, além do Chernoviz, documento de grande relevância para os conhecimentos das patologias e a sua nomenclatura.

As rezadeiras preservam as fórmulas de invocação aos santos, resguardadas no tabu de que sua transmissão faz diminuir a força e o poder. Algumas são do conhecimento do público. Para azia, por exemplo: "Santa Iria tinha três filhas. Uma coze, uma fia, uma cura o mal de azia". Outras orações são divulgadas na contra-capas dos versos da literatura popular, os romances, onde evidencia-se a valorização dos líquidos vitais como proteção e preservação da integridade física e mental dos crentes.

A saliva, lágrimas, urinas semem, são elementos representativos da vitalidade orgânica. Sua exposição, facilita o mal. Daí a afirmação de posse quando os meninos sertanejos urinam no mato, cuspiendo por cima. A saliva resguardando a virilidade e a integridade do físico. Marco de posse indiscutível pela força do elemento contaminado pela voz, repete o conceito de que parcelas do corpo mesmo destacadas, são partes indivisíveis, como registra uma estória popular em que a donzela fugindo com o namorado, cuspiu três vezes no quarto, para responder os chamados da mãe, entretendo-a enquanto ganhava tempo na fuga.

Nos catimbós, as secreções do corpo são indispensáveis para os feitiços, tanto que quando dos rituais, os catimbozeiros pedem aos consulentes que tragam da pessoa

que pretendem envolver no feitiço, uma camisa servida ou o fragmento de uma unha ou um punhado de cabelos. Conceitos de clonização: Cada pedaço representa uma unidade semelhante do corpo e tudo que se fizer sobre esses fragmentos, se fará sobre seu dono. Ritos também presentes nos cerimoniais vudus do Caribe.

Nos catimbós também, são relevadas em importância as aberturas ou as partes fracas do corpo. Dobras da pernas, nuca, axilas que são esfregadas com raspa de jurema, no cerimonial do fechamento do corpo. Por essas partes podem entrar os elementos do mal. Da mesma forma, no antigo Egito, os astrônomos entregavam às aberturas da cabeça, a proteção dos astros, para evitar os males. Saturno e Júpiter, guardavam as orelhas. Marte e Vênus, as narinas. O Sol e a Lua, os olhos e Mercúrio a boca. Mesmos preceitos respeitados e seguidos na repetição ancestral dos gestos da cultura tradicional.

Assim, formou-se a Medicina do povo. Aproveitando os elementos do branco português com sua medicina arrevesada, empírica, arcaica e tradicional, com base nos preceitos de Hipócrates, trazendo na bagagem a terminologia registrada no Chernoviz como espinhela caída, es-

quinencia, esquentamento e bexiga lixa. A astrologia do Lunário Perpétuo e a religiosidade das Missões Abreviadas. Fundiram-se com as estórias da literatura oral e escrita da Imperatriz Porcina, Carlos Magno e os Doze Pares de França e a Princesa Magalona. Autos e cantos de poesia quinhentista de Portugal que vieram com os degredados, juntamente com as idéias sebastianistas que refulgiam nos versos de Gonçalo Annes Bandarra, divulgadas às escondidas das perseguições do Santo Ofício. Idéias e sentimentos de longa espera. Desejo incontido de chegar ao reino da boa esperança, com Dom Sebastião, o encoberto. Influenciados pelos jesuítas com a pregação do seu catecismo apocalíptico, pintando o diabo com todas as artes e culturas, com forma vária e poderes imensos, a Medicina de origem portuguesa buscou assenhorar-se das informações negra e índia para formar a grande base dos conhecimentos da nossa medicina popular. Esplendor e glória do Brasil. Flora e fauna curando na miraculosidade dos poderes, as doenças, os achaques e a melancolia que derrotava os mais fortes e abatia os fracos. Tradição que se tornou perpétua pela continuidade da voz do povo.

Resumo de Literatura

CONVULSÃO PELA LIDOCAÍNA E ATIVIDADE METABÓLICA NO HIPOCAMPO

Os autores utilizaram técnica de autoradiografia quantitativa baseada na captação de glicose, para medir o metabolismo cerebral durante convulsão induzida pela lidocaína em ratos.

A taxa metabólica de captação da glicose reduziu-se na maioria das áreas estudadas, principalmente no córtex. Na amígdala a taxa de captação da glicose manteve-se inalterada. Já o hipocampo desenvolveu uma elevação enorme (237%) na taxa de metabolização da glicose. O estudo revelou uma heterogeneidade de resposta do metabolismo cerebral durante atividade convulsiva induzida pela lidocaína.

(Selective metabolic activation of the hippocampus during lidocaine-induced pre-seizure Activity - M Inguar, H M Shapiro, Anesthesiology 54: 33 - 37, 1981).

COMENTÁRIO: O estudo confirma o envolvimento primário de estruturas do sistema límbico na gênese do processo convulsivo induzido pela lidocaína e em especial o hipocampo, que apresenta acentuada elevação do metabolismo durante a atividade convulsiva, em contraste com o restante do cérebro. (Oliveira L F de)